

## Mão de obra familiar na pecuária sulina: uma análise do Censo Agropecuário de 1858 (Santana do Livramento/RS, 1858)

*Family labor in southern cattle raising: An analysis of the Agrarian and Ranching Census of 1858 (Santana do Livramento/RS, 1858)*

Valéria Dorneles Fernandes<sup>1</sup>

**RESUMO:** A Campanha, no Rio Grande do Sul, tem como principais características a predominância de produção pastoril e grande concentração fundiária. Pesquisas históricas recentes mostram que pequenos criadores de gado estavam presentes na Campanha desde, pelo menos, o início do século XIX. O presente trabalho busca avaliar a natureza do tipo de mão de obra utilizado por estes pequenos criadores de gado. O estudo focaliza principalmente o município de Santana do Livramento e utiliza como principal fonte primária um censo agrário de 1858. Esta pesquisa permite identificar como principais resultado a identificação de um grupo de criadores existentes no século XIX que possuíam pequenos rebanhos de gado e utilizavam principalmente a mão-de-obra familiar.

**Palavras-chaves:** Região do Prata. Região da Campanha. Pecuária. Mão de obra. Século XIX.

**ABSTRACT:** The principal characteristics of the Campanha region of Rio Grande do Sul are the predominance of livestock production and concentrated landholdings. Recent historical research shows that small-scale cattle ranchers were present in the Campanha since at least the beginning of the nineteenth century. This paper attempts to evaluate the nature of the kind of labour force used by these small cattle ranchers. The study focuses principally on the municipality of Santana do Livramento, and is based primarily on an agrarian census of 1858. This work highlights the existence of a category of ranchers in the nineteenth century who had small herds of cattle and used primarily family labor.

**Key Words:** Rio de la Plata region. Campanha Region. Ranching. Labour force. Nineteenth century.

---

<sup>1</sup> Graduada em História (UNISINOS), Mestre em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Contato: [vallferandes@hotmail.com](mailto:vallferandes@hotmail.com)

## Introdução

A recente produção historiográfica que aborda a pecuária de corte na Região do Rio Prata revela cada vez mais que o mundo rural do século XIX nesta região apresentava maiores complexidades econômicas e sociais do que a existência de ricos estancieiros de um lado e uma massa de peões assalariadas de outro. Sem dúvida, a produção pecuária que se desenvolveu na região do Prata contava com a presença de pecuaristas de grande vulto, que condiziam com a figura do grande estancieiro, no entanto, havia também uma expressiva camada de criadores de médio e pequeno porte. Além da presença destes diferentes extratos de criadores estas recentes pesquisas revelam que na região havia criadores com distintos estatutos legais de uso da terra, como proprietários, arrendatários, posseiros, agregados, etc, bem como revelam a presença de outros atores sociais para além dos criadores: lavradores, escravos e jornaleiros<sup>2</sup>, entre outros (GELMAN, 1992; GARAVAGLIA, 1999; GARCIA, 2005; OSÓRIO, 2008; FARINATTI, 2010; LEIPNITZ, 2010; MONSMA, 2011; FERNANDES, 2012).

Contudo, para estes pequenos criadores de gado as chances de uma reprodução social e econômica em um ambiente dominado por uma elite estancieira que, além de deter o poder local, já havia fechado a fronteira fundiária aos finais do século XIX estavam alicerçadas principalmente na sua organização familiar do trabalho, ainda que combinada com outros recursos, como se estabelecer em terras de outros na condição de agregado, trabalhar como peão ou capataz nas fazendas maiores ou empregar algum filho mais velho como jornaleiro (FARINATTI, 2010; FERNANDES, 2012). Conforme Gelman (1993), no contexto da Banda Oriental colonial, para um indivíduo pobre da campanha instalar-se “[...] en una tierra (aunque sea como agregado en una estancia) permite valorizar el trabajo de la familia, de la mujer y los hijos pequeños, que no tienen costo de oportunidad” (GELMAN, 1993, p. 82)<sup>3</sup>. Garavaglia

---

<sup>2</sup> Jornaleiro: indivíduo que presta serviço por jornada de trabalho.

<sup>3</sup>Para Gelman (1993), estes indivíduos formariam uma categoria social do campo, a qual ele identificou como *campesinos*, na sua forma genérica. Para esta categoria de *campesinos*, o autor distinguiu três grandes subgrupos: *pequeños estancieros-chacareros*, *campesinos autosuficientes* e *campesinos-peones*.

(1999) identificou na campanha bonaerense a presença significativa de famílias e grupos domésticos com produção de cultivos ou com criação de animais – ou das duas juntas, desenvolvidas em diversos graus de intensidade, em terras que, muitas vezes, não lhe pertenciam e uso predominante, quando não exclusivo, de sua própria força de trabalho.

Embora alguns trabalhos concernentes ao Sul do Brasil procurem caracterizar os tipos de mão de obra na pecuária de corte (OSÓRIO, 2013; FARINATTI, 2010), o papel da mão de obra familiar nas pequenas criações de gado de corte na Campanha<sup>4</sup> oitocentista ainda é pouco explorado. Neste sentido, este paper busca esboçar o uso de mão de obra familiar por parte dos pequenos criadores de gado de corte no município de Santana do Livramento, situado na Campanha, a partir de uma análise de um Censo Agropecuário realizado em 1858, pela Câmara Municipal do município a pedido do Presidente da Província. A análise privilegia o uso deste censo agropecuário como fonte principal, no entanto, também foram utilizados dados extraídos de inventários *post-mortem* referentes ao período de 1859 à 1881 e dados dos réus de um levantamento dos dados dos processo crimes e cíveis realizado referente ao período de 1859 à 1890.

### **Pequenos criadores de gado no Rio da Prata**

Estes grupos de produtores identificados por Garavaglia (1999) na campanha bonaerense no período colonial foram nomeados pelo autor como “campesinos”, sendo que aqueles que se dedicavam ao cultivo o autor os identificou como “labradores” e aos que se dedicavam à criação de rebanhos, como “pastores de ganado”. Estes pastores bonaerenses eram, no geral, proprietários de seus rebanhos, porém, em poucas oportunidades, donos da terra que ocupavam. A força de trabalho provinha do grupo familiar, com eventual contratação de algum jornaleiro ou de algum

---

Para a campanha do Rio Grande do Sul, não existe uma literatura mais aprofundada sobre o tema para se estabelecer uma comparação.

<sup>4</sup> A Campanha está situada na porção sul do Rio Grande do Sul, onde predomina o Bioma Pampa, é caracterizada pela ocorrência preponderantemente de campos naturais de planície. Historicamente, a Campanha sempre esteve intimamente ligada à pecuária extensiva, introduzida pelos europeus, como sua principal atividade econômica, mesmo antes de ser povoada pelas coroas portuguesa e espanhola. De acordo com o IBGE, a Mesorregião do Sudoeste Rio-Grandense é composta por Campanha Ocidental, Campanha Central e Campanha Meridional (IBGE, 2008).

escravo. Na região de Areco<sup>5</sup>, 7% das unidades produtiva analisadas por Garavaglia (1999) possuíam rebanhos maiores que a quantidade de 500 reses e concentravam 60% do rebanho total, já aquelas unidades produtivas que possuíam rebanhos com menos de 500 reses representavam 93% da amostra, concentrando 40% do rebanho total. Na região da Colônia<sup>6</sup>, na então Banda Oriental, atual República Oriental do Uruguai, para o período colonial, Gelman (1992) aponta a presença massiva “[...] de uma población campesina, constituida por famílias que explotan pequeñas parcelas de tierras” (GELMAN, 1992, p. 64). O autor, analisando censos da época, demonstra como esta realidade era “[...] muy diferente de la que suponíamos, en la que solo había poderosos hacendados” (GELMAN, 1992, p. 57), embora estes últimos concentrassem a maior quantidade do *stock* total dos bovinos, ao passo que os pequenos produtores, que estavam em maior quantidade, concentravam a menor parte do rebanho total. Aqueles que possuíam rebanhos com mais de 1.999 reses, que era 10% dos produtores censados, concentravam 60% do rebanho total; enquanto que aqueles que possuíam rebanhos com até 500 reses, 67% dos produtores censados, controlavam pouco mais de 17% do rebanho total.

Para o autor, dentre os pequenos produtores (com até 500 reses), os mais favorecidos eram aqueles que possuíam entre 400 e 500 animais, e dispunham de umas 100 crias anuais, podendo, assim, manter suas famílias, embora com certa dificuldade. Já os menos favorecidos dentre este estrato de pequenos produtores, os possuidores de um rebanho com 20, 30 até 100 animais eram obrigados a desenvolver outras atividades agropecuárias, como o trabalho do chefe ou do filho mais velho em alguma estância próxima (GELMAN, 1992). Além da criação de gado, o cultivo de trigo também foi desenvolvido de forma significativa na região no período colonial. No entanto, diferente da criação de gado, a produção de trigo estava concentrada nas mãos de pequenos e médios produtores. Já a criação de gado estava concentrada nas mãos dos grandes produtores, embora uma parte menor do rebanho geral estivesse nas mãos de famílias que possuíam rebanhos menores (GELMAN, 1993).

---

<sup>5</sup>Esta região é conhecida por este nome desde o final do século XVI, situada no atual partido de Buenos Aires.

<sup>6</sup>Compreende os departamentos de Soriano, Espinilho, Víboras e Colonia. A pesquisa foi baseada no Censo realizado em 1796, em que cada unidade de análise corresponde a uma unidade de produção (UP).

Para a Campanha do Rio Grande do Sul, Garcia (2005) analisando inventários referentes ao município de Alegrete e ao período de 1830<sup>7</sup>, identifica a presença de grandes estancieiros, com rebanhos compostos de 2.001 a 5.000 cabeças de gado (18% da amostra) e alguns com mais de 5.000 (15%), que conviviam lado a lado de produtores possuidores de um rebanho não tão vultoso: 15% da amostra possuíam um rebanho de até 100 cabeças de gado e 22% possuíam um rebanho composto de 101 até 500 cabeças de gado. Além destas categorias, Garcia ainda identifica um estrato a que se refere como *médios* produtores, com rebanhos entre 501 a 2000 (26% da amostra) (GARCIA, 2005).

Ainda para a Campanha do Rio Grande do Sul, Farinatti (2010), ao analisar os inventários entre 1830 e 1870 de Alegrete<sup>8</sup>, identifica a forte presença de criadores de gado bovino que possuíam rebanhos com até 500 reses. Para o autor, os criadores pertencentes a este estrato foram identificados como os pequenos produtores, em um universo no qual os maiores produtores possuíam rebanhos maiores que 10.000 reses (3% da amostra). Neste grupo, Farinatti identificou uma subcategoria de produtores que possuíam menos de 100 reses em seus rebanhos, representando 24% da amostra, mas que possuíam apenas 4% do rebanho total da amostra. Os dados analisados pelo autor apontam que os pequenos produtores (até 500 cabeças de gado) representavam 57% dos criadores, mas que não possuíam 13% do rebanho total, e os grandes estancieiros (que ultrapassam 2000 cabeças de gado) representavam 18% dos produtores, mas concentravam 53% do rebanho<sup>9</sup>. Segundo o autor, um criador com até 500 cabeças de gado poderia cuidar da produção com trabalho familiar e, eventualmente, com algum ajudante pago ou um escravo (FARINATTI, 2010). Para o autor, uma família com, no máximo, este rebanho pouco poderia dispor de novilhos por ano, em virtude disso, necessitavam diversificar suas atividades tanto na produção como nas atividades dos membros da família. Cruzando dados de fontes nominais, o autor

<sup>7</sup>Foram levantados dados de 45 inventários *post-mortem*, em que cada unidade de análise é referente aos bens pertencentes a um indivíduo, ou seja, não se referem às unidades produtivas.

<sup>8</sup>Foram levantados dados de 181 inventários *post-mortem*, em que cada unidade de análise é referente aos bens pertencentes a um indivíduo, ou seja, não se referem às UP.

<sup>9</sup>Este tipo de fonte primária, inventários *post-mortem*, sub-representam os setores mais pobres da sociedade – tendo em vista que nem todos que eram os mais pobres procediam à abertura de inventários -, portanto o número de pequenos criadores no período deveria ser ainda maior.

identifica que, assim como em outras localidades da região do Prata, já abordadas por Gelman e Garavaglia, uma das estratégias para esta diversificação consistia no trabalho nas estâncias dos filhos mais velhos destes pequenos produtores ou, até mesmo, do chefe de família (FARINATTI, 2008).

Para Santana do Livramento, ao analisarmos os dados referentes ao Censo Agropecuário de 1858, também se observa a presença de criadores com rebanhos menores do que se poderia supor como pertencente a um grande estancieiro.

### **Censo Agropecuário de 1858: dimensão dos rebanhos de um produtor típico do município**

A região da Campanha, onde se localiza o município de Santana do Livramento, é reconhecida pela sua tradição na pecuária, e, ao que pode ser observado na tabela 1, o município se especializava na produção de gado *vacum*.

Tabela 1 - Estatística descritiva da atividade pecuária de Santana do Livramento, por cria anual (1858)

	Laníferos	Muare	Cavalares	Vacuns
Soma total de animais	11892	1071	7580	33789
Número de produtores por tipo de animal	78	39	115	125
% dentre todos os produtores	61,9%	31,0%	91,3%	99,2%
Quantidade mínimo entre produtores por tipo de animal	12	3	5	20
Quantidade máximo entre produtores por tipo de animal	1200	188	410	1968
Média entre produtores por tipo de animal	152,5	27,5	65,9	270,3
Mediana entre produtores por tipo de animal	100	15	40	140

Fonte: Relatório da Câmara Municipal. AHRs. Correspondência expedida da Câmara Municipal de Santana do Livramento, 1858. Maço 213. Cx. 114.

Todos os 126 produtores, menos um, produziam bezerros no ano do censo. O município produziu quase 34.000 crias de gado *vacum* naquele ano, que é mais que a soma de todos os outros tipos de crias. Em segundo lugar, estava a produção de ovelhas, com quase 12.000 crias por ano, seguida pela produção de cavalos, com, aproximadamente, 7.500 crias por ano. Em último lugar entre as

variáveis disponíveis neste censo, havia a produção de um pouco mais de 1.000 crias de mulas. Entretanto, a distribuição das produções é um tanto diferente se olharmos a percentagem de produtores de cada tipo de animal, entre o universo total de produtores de animais. Neste caso, a produção de cavalos está em segundo lugar, com 91% dos produtores com crias de cavalos no ano. Isso se explica pela importância do cavalo como instrumento de trabalho na época. Quase todos os produtores rurais tinham cavalos, e a grande maioria tinha um número suficiente de ambos os sexos para produzir algumas crias no ano, ao menos, para o trabalho no estabelecimento.

A média de crias de gado *vacum* (270) é bem maior que as médias dos outros tipos de crias. Em segundo lugar, está o número médio de crias de ovelhas, 152, seguido pela média de crias de cavalos, 66, e, finalmente, a média de crias de mulas, 28. A média é a medida de centralidade mais usada, mas pode não ser a melhor maneira de representar o produtor típico, devido à influência dos valores extremos. No entanto, se observarmos as quantidades extremas entre aqueles que produziam gado *vacum*, o número de crias varia de 20 a 1968, entre os produtores de ovelhas, varia de 12 a 1200, entre os produtores de cavalos, de 5 a 410, entre os produtores de mulas de 3 a 188. Para uma variável distribuída com cauda maior por um lado, como é o caso do número de crias de animais, a mediana caracteriza melhor o produtor típico, porque é o meio da distribuição (entre os produtores com cada tipo de animal). Quando examinarmos as medianas, a posição relativa da criação de cada tipo de gado continua o mesmo, mas, em cada caso, a mediana é menor que a média, devido à forte influência dos grandes produtores na média. A mediana de crias de gado *vacum*, 140, por exemplo, é um pouco mais da metade da média, ou seja, neste caso, os grandes produtores, que são poucos, pesam muito no cálculo da média. Não há valores extremos no outro sentido, porque o valor mínimo é limitado à zero, porque não é possível a produção negativa de crias de animais. Portanto, a média entre os produtores não seria a melhor maneira de caracterizar o produtor típico de Santana do Livramento, uma vez que estaria fortemente influenciada pelos valores dos grandes produtores. Sendo assim, o produtor típico do município para o período estudado é aquele que tem rebanhos de tamanho aproximados à mediada, ou seja, 140 crias anuais.

Tabela 2 – Distribuição de criadores por dimensão dos estabelecimentos  
(total de crias anuais de gado *vacum*) - (Santana do Livramento – 1858)

Estabelecimentos (total de cria <i>vacum</i> anual )	Quantidade de criadores	%
20 até 100	51	41
101 até 200	32	26
201 até 500	21	17
501 até 900	15	12
1030 até 1968	6	4
Total	125	100%

Fonte: Relatório da Câmara Municipal. AHRs. Correspondência expedida da Câmara Municipal de Santana do Livramento, 1858. Maço 213. Cx. 114.

Como pode ser observado na tabela 2, a maior concentração de criadores (41%) se refere àqueles com uma baixa quantidade de crias anuais de gado *vacum*, entre 20 e 100 crias anuais. No que se refere àqueles criadores com uma maior quantidade de crias anuais, que estão no outro extremo na amostra, estes representam apenas 4% da amostra, sendo apenas 6 criadores. Estes resultados medem a medida de variação destes criadores, e neste caso, os grandes produtores são poucos, e, por serem poucos, não são os que melhor caracterizam o produtor típico do período. Conforme a tabela 1, discutida anteriormente, a mediana para as crias anuais de gado *vacum* é 140, consoante a tabela acima exposta, este número se situa entre o segundo estrato dos criadores (de 101 a 200 crias anuais), sendo que estes últimos representam 26% das unidades produtivas, a segunda mais representativa entre os criadores. Portanto, considerando as informações prestadas pela Câmara Municipal de Livramento para esta ocasião, o criador típico do município é aquele com rebanhos de tamanhos médios, e não a figura do grande estancieiro, como a literatura tradicional afirma.

Salientamos as limitações e inquietações que a fonte suscita: os criadores foram selecionados pela própria Câmara Municipal e a lista, provavelmente, não abrange todos os criadores do município. Estudando o município de Rio Pardo na mesma época, Cristilino (2010) constatou que o censo do município foi realizado somente com os criadores com 100 ou mais crias anuais, deixando, assim, uma parcela de criadores não representada no censo. Além disso, muitas vezes, neste Censo de Livramento, uma única unidade de análise tinha mais de um indivíduo citado, por exemplo: *Manoel José Teixeira e outros*; não fica claro qual a relação que existia entre



Manoel Teixeira e estes *outros*, embora se acredite que neste caso possivelmente se tratava de unidades familiares, tendo em vista que os animais existentes eram apenas 100 crias *vacuns* e 40 crias cavalares. Outro exemplo é o de *Rolim Pereira de Barros e agregados*, com um patrimônio produtivo mais significativo (784 crias *vacuns*), porém com pouca informação da natureza da relação entre os indivíduos destes estabelecimentos agrícolas.

### Mão de obra utilizada na pecuária de corte

As atividades nas estâncias referentes ao manejo da criação eram realizadas por indivíduos com diferentes estatutos jurídicos: livres e escravos. A presença do escravo nas atividades ligadas à pecuária foi muito minimizada pela historiografia tradicional, a qual afirmava que o Sul do país era uma exceção no Brasil escravocrata e que os escravos estavam concentrados apenas nas atividades das charqueadas. Entretanto, pesquisas mais atuais revelam que a participação da mão-de-obra dos escravos nas estâncias era significativa e estes não estavam ligados apenas às tarefas de agricultura ou de serviços domésticos, muitos desenvolviam atividades ligadas diretamente à pecuária, sendo estes escravos identificados como *campeiros*<sup>10</sup>. Muitos escravos participavam das atividades da pecuária em diferentes processos, como a marcação, rodeios, castração, doma de cavalos, etc. (MONSMA, 2011; FARINATTI, 2010); além destas atividades, havia a possibilidade destes escravos, ao adquirem certa confiança do estancieiro, chegarem a postos de maior autoridade nas estâncias, mandando mesmo em peões livres. Para a Banda Oriental, Gelman (1989 apud MONSMA, 2011) observou que vários escravos foram promovidos à condição de *capataces*<sup>11</sup> na *Estancia las Bocas*. Carlos Mayo (2004 apud MONSMA, 2011, p. 7), estudando a mesma estância, “descreve a carreira de um escravo campeiro

<sup>10</sup> Existiam escravos que podiam ocupar um pedaço de terra para plantar algum roçado, ter algumas galinhas e, até mesmo, algumas reses (MAESTRI, 2008 apud MONSMA, 2011). O objetivo maior era fixar os escravos e inibir fugas e estimular certa lealdade. No caso dos escravos *campeiros*, os estancieiros, muitas vezes, procuravam tratá-los melhor do que os outros escravos, pois os escravos *campeiros* “andavam armados e usavam cavalos no trabalho cotidiano” (MONSMA, 2011, p. 19).

<sup>11</sup> Que neste caso se referia ao mesmo que “posteiro” para o Rio Grande do Sul.

particularmente habilidoso e disciplinado que chegou à posição de *capataz mayor*, encarregado da administração cotidiana de toda esta enorme propriedade”.

No geral, as estâncias contavam com algum número de *trabalhadores permanentes* e de *trabalhadores sazonais*. Estes trabalhadores permanentes se tratavam dos peões assalariados e dos peões escravos, de algum capataz ou posteiro e, em alguns casos, dos agregados, embora nem sempre estes tivessem obrigações laborais com os proprietários das terras; além destes, também havia o trabalho de algum membro da família.

Para compreender as características da mão-de-obra utilizada para a produção pecuária, é interessante compreender primeiramente como neste contexto era compreendida a necessidade de mão-de-obra conforme o tamanho do rebanho.

Quadro 1 - Custeio de mão-de-obra permanente pela quantidade de reses (Santana do Livramento – 1858)

Quantidade de reses	Capataz	Peões
500 a 1000	1	3
1000 a 2000	1	6
2000 a 4000	1	8
4000 a 8000	1	12
8000 a 1600	1 e 1 mediato	20

Fonte: Relatório da Câmara Municipal. AHRs. Correspondência expedida da Câmara Municipal de Santana do Livramento, 1858. Maço 213. Cx. 114.

Os dados do quadro 1 se referem às informações fornecidas pelos maiores estancieiros para a Câmara Municipal de Santana do Livramento. Portanto, estas informações se referem ao que os estancieiros poderiam considerar como uma quantidade adequada e não necessariamente ao que ocorria na prática, principalmente se levar em conta que a distribuição dos recursos naturais influenciava na necessidade de mão-de-obra: nos campos com arroios fortes, havia a possibilidade de dispensar peões, enquanto em campos abertos, a quantidade de posteiros variava de acordo com a necessidade (RELATÓRIO DA CÂMARA MUNICIPAL, 1858). Assim, considerando as informações apresentadas no quadro 5, um rebanho entre 500 a 1.000 reses

necessitava de, pelo menos, 3 peões permanentes, ou seja, 3 homens adultos. Porém, conforme a literatura, era necessário um trabalhador permanente para cuidar de um rebanho de, aproximadamente, 500 reses (FARINATTI, 2010). No relatório encaminhado junto com o censo à Câmara Municipal, há a informação que “a cifra dos peões compreende escravos na quase totalidade devido ao destacamento da Guarda Nacional”<sup>12</sup>, desta forma, é possível se perceber que os peões informados neste censo se referem, na maior parte, à mão-de-obra escrava. Além disso, a quantidade informada apresenta uma significativa diferença entre a estimada pela literatura, portanto, é possível que os estancieiros do censo tenham superestimado a necessidade da mão-de-obra para justificarem suas queixas em relação ao recrutamento de homens livres para a Guarda Nacional, como observado no relatório. Tendo em vista a diferença estabelecida entre a literatura e o censo, optou-se em fazer uma média entre as duas informações, quando então se considera que, para cuidar de um rebanho entre 500 e 1.000 reses, era necessário até 2 homens adultos e um rebanho de até 500 reses 1 homem adulto.

### *Trabalhadores permanentes*

Para compreender a distribuição de mão-de-obra permanente segundo o tamanho da produção para o período analisado, as informações analisadas são aquelas informadas no Censo de 1858 de Santana do Livramento. Neste censo, cada criador, além de informar a quantidade de cria anual de cada tipo de animal da sua unidade produtiva, informou o total de peão permanente, fosse escravo ou livre, e capatazes empregados na unidade produtiva. Considerando os mesmos estratos de dimensão dos rebanhos apresentados na tabela 2, procedeu-se à distribuição da quantidade de mão-de-obra informada no censo, em que a categoria *zero* se refere àquelas unidades produtivas que constavam o numeral 0 (zero), ou seja, indicavam que não havia peão/capataz permanente. A categoria *apenas 1*, obviamente, referia-se àquelas unidades produtivas em que constavam a utilização de apenas 1 peão permanente. A categoria *mais de 1* se refere àquelas que utilizavam 2 ou mais peão permanente, incluindo o capataz, em que a

<sup>12</sup> Relatório da Câmara Municipal. AHRs. Correspondência expedida da Câmara Municipal de Santana do Livramento, 1858. Maço 213. Cx. 114.

menor quantidade observada foi a de 2 peões e maior quantidade observada foi a de 20 peões<sup>13</sup>.

Tabela 3 - Distribuição da mão-de-obra permanente por tamanho dos rebanhos (cria anual de vacun) Santana do Livramento (1858)

Estrato	20 a 100	%	101 a 200	%	201 a 500	%	501 a 900	%	1.030 a 2.000	%	Total	%
Zero	19	37	4	12,5	2	9,5	0	0	0	0	25	20
Com até 1	13	26	10	31,3	2	9,5	0	0	0	0	25	20
Com mais de 1*	19(a)	37	18(b)	56,2	17(c)	80	15(d)	100	6(e)	100	75(f)	60
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>100</b>	<b>32</b>	<b>100</b>	<b>21</b>	<b>100</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>6</b>	<b>100</b>	<b>125</b>	<b>100</b>

Fonte: Relatório da Câmara Municipal. AHRs. Correspondência expedida da Câmara Municipal de Santana do Livramento, 1858. Maço 213. Cx. 114

\* Quantidade de criadores com capataz: (a) 4 (b) 10 (c) 7 (d) 10 (e) 5 (f) 36.

Como é possível observar na tabela 3, aqueles criadores que demandavam a utilização de mais mão-de-obra, isto é, aqueles com mais de 1 peão, representam 60% da amostra. Porém, existia uma parcela de criadores que demandavam uma produção com baixo uso de mão-de-obra nas tarefas diárias, que representa 20% da amostra (categoria *com até 1*). Tendo em vista que os tamanhos dos rebanhos eram, em sua maioria, pequenos e médios, como já observado na parte inicial deste trabalho, a existência de criadores com um baixo uso de mão-de-obra se demonstra proporcional aos tamanhos dos rebanhos.

Os estabelecimentos agrícolas de Santana do Livramento empregavam a mão-de-obra assalariada em combinação com a mão-de-obra escrava, sobretudo para as atividades de pecuária. No inventário de João Machado Pereira, aberto em Santana do Livramento, em 1880, na matrícula de escravos no anexo, encontrava-se os seguintes escravos listados: Liandro, 60 anos, africano, roceiro; Rosa, 50 anos, africana,

<sup>13</sup> Esta unidade produtiva com 20 peões se referia a fazenda de David Canabarro em parceria com João Martins.

cozinheira, e Adão, 24 anos, filho natural de Rosa e *campeiro*<sup>14</sup>. Ainda em Santana do Livramento, em 1880, o inventário de Francisco de Souza Vieira continha uma matrícula a qual informava, além de outros escravos, a existência de 13 escravos *campeiros*, embora alguns considerados fugidos e outros já livres à época do inventário<sup>15</sup>. Porém, além destes dois tipos sociais de mão-de-obra – escrava e assalariada, está-se inferindo que havia unidades produtivas que desenvolviam atividades de criação de gado apenas com mão-de-obra familiar nas tarefas diárias. Para este tipo de estabelecimento, estão se considerando, principalmente, aqueles criadores que declararam no censo utilizarem *zero* de mão-de-obra escrava ou contratada. Como pode ser verificada na tabela 3, esta categoria representa 20% da amostra. Portanto, esta situação sugere que estes rebanhos eram cuidados pelo próprio criador ou por algum filho mais velho, pois a atividade de criação cotidiana não era simplesmente deixar o gado solto no campo, era necessário reparar o gado, cuidá-lo no período da noite e cuidar para não se dispersar, entre outras atividades. Este tipo de situação pode ser verificado na denúncia que chegou ao conhecimento do Delegado de Santana do Livramento. Em 1861, Joaquim dos Santos Padilha, morador no 13º quarteirão de Santana do Livramento, denuncia o crime de furto de ovelhas de sua propriedade, que passa a ser explicado:

Que o queixoso é proprietário com criação de gado vaccum e lanígero, no lugar denominado Catacumbas, assim como Manoel Rodrigues da Silva, morador de 9 a 10 quadras do queixoso sem divisa alguma.

Que o suplicante em agosto de 1860 possuía 600 ovelhas e o Manoel Rodrigues cento e tantas; as do suplicante tinham por sinal as duas orelhas aparadas, e as de Rodrigues uma orelha aparada e outra uma marca em cima, confundindo-se frequentemente estes rebanhos pela pequena distancia.

Que o queixoso desde agosto de 1860 até 8 de janeiro deste ano esteve nesta vila em curativo na casa de Feliciano da Costa Leite, deixando seu filho Francisco de 15 anos na fazenda.

Que nesta ausencia dito Manoel Rodrigues cortando a [mossa] da orelha de suas ovelhas ficarão estas com o mesmo sinal das do queixoso e consequentemente confundidas, para o fim premeditado de Manoel Rodrigues que foi marcar as que lhes pareceu e matar desperdiçadamente em

<sup>14</sup> APERS. Fundo: Santana do Livramento Subfundo: Vara de Família Caixa: 773. Inventário: 321 Ano: 1880. O inventário é do ano de 1880, porém a matrícula dos escravos é referente ao ano de 1872.

<sup>15</sup> APERS. Fundo: Santana do Livramento Subfundo: Vara de Família Caixa: 773. Inventário: 318 Ano: 1880. O inventário é do ano de 1880, porém a matrícula dos escravos é referente ao ano de 1872. A matrícula dos escravos foi realizada no município de Bagé.

proveito de sua numerosa família e trabalhadores da olaria que possui, tanto assim<sup>16</sup> [grifo meu].

No processo, há ainda o relato de que o rebanho de Joaquim dos Santos diminuiu em, aproximadamente, 200 ovelhas, enquanto que o rebanho do seu vizinho aumentou, além disso, poucas informações foram acrescentadas, pois o réu era morador de Alegrete<sup>17</sup> e se recusou a comparecer na delegacia de Livramento, e o denunciante acabou desistindo do processo. Entretanto, conforme o relato da denúncia no processo crime, é possível perceber que Joaquim dos Santos Padilha era criador de gado *vacum* e de ovelhas, e era proprietário das suas terras; mas o que mais chama a atenção é o fato de Joaquim dos Santos ter ficado 5 meses afastado de sua propriedade por conta de uma enfermidade, e ter apenas seu filho de 15 anos para cuidar da criação. Assim, é possível observar que, neste caso, o estabelecimento contava apenas com a mão-de-obra da família, pois, se houvesse um escravo ou um peão permanente, é muito provável que este seria citado no processo, ou, ainda, possivelmente teria coibido o furto por parte do vizinho. Além disso, Joaquim dos Santos possuía um rebanho para consumo, tendo em vista que uma das testemunhas relata que o denunciante, por conta da diminuição do tamanho do rebanho das ovelhas, estava vendo-se obrigado a carrear reses de *vacum* e não ovelhas, sob pena de comprometer a produtividade dos ovinos.

Observando a composição dos rebanhos na tabela 3, é possível verificar que estes criadores que utilizavam apenas a mão-de-obra familiar para o trabalho diário estavam concentrados entre os estratos dos criadores que dispunham dos menores rebanhos, e, neste caso, é muito provável que os tamanhos dos rebanhos correspondessem à disponibilidade da mão-de-obra da família, e não necessariamente o contrário. Se considerarmos que um rebanho de até 500 reses *vacum* necessitava de até 1 homem adulto e um rebanho de 500 a 1.000 necessitava, pelo menos, de 2 homens adultos (conforme constatação no início do texto), é muito possível que uma família poderia ter um rebanho de até 400 ou 500 reses e cuidar apenas com a mão-de-obra do seu núcleo familiar.

<sup>16</sup> APERS. Fundo: Bagé.Subfundo: 1ª Vara Cível e Crime. Caixa: 010.0256. Processo: 1536.

<sup>17</sup> Município vizinho a Santana do Livramento.

Para a campanha bonaerense, os *pastores de ganado*, identificados por Garavaglia (1999), foram compreendidos como

*los integrantes de los grupos domésticos que, utilizando fundamentalmente – pero, no exclusivamente – su propia fuerza de trabajo, se dedican a la cría de ganado y a la producción agrícola (...). Proprietarios de sus rebaños, pero con mucho menor frecuencia de la tierra que ocupaban (eram a veces arrendatarios, otras ocupaban tierras cuyo status era difícil de conocer o eran directamente realengas [da Coroa]), solían contratar durante algunos períodos a jornaleros o podían poseer uno o dos esclavos; mas como hemos dicho, la fuerza de trabajo fundamental era la del grupo doméstico: hijos, “entendados”, “agregados” (GARAVAGLIA, 1999, p. 300-301).*

Portanto, como pode se verificar para a campanha bonaerense, este grupo de pequenos criadores, referidos como *pastores de ganados*, e os pequenos criadores da Campanha Rio-grandense, que já foram referidos amplamente neste trabalho, desenvolviam suas atividades produtivas, essencialmente, com a força de trabalho da família, com alguma ajuda de algum trabalhador eventual ou de um ou dois escravos. Semelhante situação se verifica para o atual Uruguai. Gelman (1993), estudando a então Banda Oriental do Período Colonial, identificou uma categoria de produtores para a região, que, segundo o autor, formavam a maior parte da população rural do período: *los campesinos*. Para Gelman (1993), esta categoria estava identificada, sobretudo, pelo uso predominante de sua força de trabalho ser proveniente do núcleo familiar, embora com algumas diferenças: havia aqueles que criavam em suas próprias terras e contratavam alguma mão-de-obra externa e/ou possuíam algum escravo e outro grupo que, não conseguindo sobreviver apenas da sua produção e para completarem os seus ingressos, muitas vezes, o chefe da família ou algum filho mais velho se empregava de forma temporária em alguma estância.

Com base na literatura, verifica-se que, para a região do Prata, existia um grupo de criadores de gado que desenvolviam esta atividade tendo como principal força de trabalho a família. Além disso, aqueles criadores situados na categoria *com até 1* (20%) também poderiam estar desenvolvendo suas atividades de criação com a mão-de-obra familiar e com ajuda de, pelo menos, um escravo, principalmente se os compararmos com os *pastores de ganado*, identificados por Garavaglia, que possuíam um ou dois escravos.

Para o período estudado, não existem trabalhos que abordem a pecuária desenvolvida na região da Campanha com base na mão-de-obra familiar. No entanto, Farinatti (2003), ao analisar o censo agrário de 1858 realizado para os municípios de São Borja e Santa Maria, chegou a conclusões pormenorizadas a este respeito, em parte porque, nestes municípios, os criadores censados diferenciaram o tipo de mão-de-obra utilizada, entre de escravos, de peões assalariados e de algum filho; diferentemente da Câmara Municipal de Livramento, que se dedicou a anotar apenas os peões contratados ou escravos. De acordo com o autor, nesta região, a produção de pecuária pelos grandes criadores era realizada sem a presença da mão-de-obra familiar, salvo nas tarefas de administração, mas não como peão; os criadores médios produziam com uma combinação de mão-de-obra assalariada, escrava e familiar, e aqueles com os menores rebanhos (de até 100 reses) utilizavam essencialmente mão-de-obra familiar, muitas vezes com a ajuda de algum filho.

#### *Tabalhadores sazonais*

Os *trabalhadores sazonais* se referiam àqueles que eram necessários quando o sistema de criação demandava mais tarefas e conseqüente mão-de-obra. O Relatório realizado pela Câmara Municipal explica de forma explícita esta necessidade: “(...) os capatazes e peões indicados são os necessários ao costeio, por assim dizer, diário, mas não para marcação, capação, e feitura de tropa, pois durante estes serviços o estancieiro aumenta o pessoal, que não é conveniente conservar concluídos que sejam”<sup>18</sup>. Aqueles estabelecimentos que desenvolviam a pecuária com base em mão-de-obra familiar, nos períodos de maior pico, possivelmente, contratavam algum jornaleiro por um curto tempo ou, o que é mais provável, dependessem de mutirões feitos entre vizinhos. Garavaglia (1999) observou para a campanha bonaerense diversos testemunhos desta relação de reciprocidade entre os pequenos produtores da região.

No que refere a estes trabalhadores sazonais, a ideia central defendida pela recente historiografia é que muitos destes trabalhadores temporários das estâncias,

<sup>18</sup> Relatório da Câmara Municipal. AHRs. Correspondência expedida da Câmara Municipal de Santana do Livramento, 1858. Maço 213. Cx. 114



no geral os jornaleiros, não eram indivíduos que simplesmente vagavam pela campanha em busca de alguma aventura ou trabalho temporário, o típico “gaúcho solitário”. Estes, em vários casos, tratavam-se de indivíduos que mantinham núcleos familiares, quando, muitas vezes, as suas famílias trabalhavam em seus lares com algum tipo de cultivo ou de criação, enquanto o chefe de família ou o filho mais velho saía para trabalhar em alguma estância para complementar a renda familiar. Farinatti (2010), analisando as contas de uma grande estância de Alegrete, observou que um peão jovem, Antônio Israel Lucas, 18 anos, solteiro, trabalhou por 7 meses nesta estância. Cruzando esta informação com outras fontes documentais, o autor observou que este peão se tratava do filho do capataz da estância e que também a família possuía um pequeno pedaço de terra onde criava 148 reses de criar.

Embora para Santana do Livramento não tenha se encontrado documentos com semelhante detalhamento qualitativo, ao se observar o estado civil informado pelos trabalhadores sazonais nos processos crimes e cíveis, é possível sugerir que muitos destes trabalhadores sazonais mantinham algum vínculo familiar.

Tabela 4 - Distribuição do estado civil dos réus, entre aqueles com ocupação relacionada à pecuária (Santana do Livramento, 1859-1890)

	Fazendeiro	%	Criador	%	Peão/ Campeiro	%	Jornaleiro	%	Total	%
Solteiro	1	10	10	39	8	80	30	60	49	52
Casado	6	90	16	61	2	20	19	40	43	48
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>49</b>	<b>100</b>	<b>92</b>	<b>100</b>

Fonte: 201 processos crimes e cíveis. APERS. Fundo: Bagé, Caçapava do Sul e Santana do Livramento. Cartório: 1ª Vara Cível e Crime.

Conforme pode ser observado na tabela 4, os fazendeiros e criadores são, na sua maioria, casados, embora houvesse alguns solteiros. Entre os peões/campeiros, a maioria se identificou como solteiro. Analisando apenas os jornaleiros, verifica-se que 60% eram solteiros, mas havia também uma significativa parte destes que se identificaram como casados. Quando comparada a diferença apenas entre aqueles que se identificaram como “casados”, é possível verificar que esta diferença é pequena, quando os criadores/fazendeiros casados representam 24% da amostra e os peões/jornaleiros casados representam 23% da amostra, sendo que apenas os jornaleiros casados representam 20% da amostra e os 4% se refere aos peões. Portanto, é possível verificar que, mesmo os jornaleiros sendo indivíduos que se empregavam por temporada, talvez

em diferentes estâncias, mantinham vínculos familiares. A respeito dos jornaleiros solteiros, considerando que estes embora não sejam criadores ou casados, não significa que estejam desvinculados de núcleos familiares, como foi o caso do jovem peão Antônio Israel Lucas. Além disso, a literatura considera que a maioria dos peões eram solteiros e, quando queriam constituir família, empregavam-se de capataz ou posteiro em alguma estância, de maneira que pudessem constituir família e ter uma pequena produção (OSÓRIO, 2007; FARINATTI, 2010; GARAVAGLIA, 1999).

Gelman (1993), ao analisar um censo populacional para a Banda Oriental, percebeu uma categoria de peões que trabalhavam nas estâncias e não possuíam chácaras ou semelhantes, e viviam apenas do salário que recebiam do trabalho nas estâncias. Estes não se identificavam como “jornaleiros”, mas “*conchabados*” nas estâncias. A maior diferença entre esta categoria de peão com os “jornaleiros” é que eram, na maioria, solteiros, ou seja, não possuíam uma família (mulher e filhos) lhes aguardando para retornarem. Para o autor, estes peões *conchabados* podem caracterizar o “gaúcho” eternizado na literatura como o típico, aquele que vive sem domicílio fixo e sem família, e percorre as estâncias em busca de trabalhos.

### Fontes primárias

- Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS)

Inventários post-mortem.

Fundo: Santana do Livramento Subfundo: Vara de Família Caixa: 773. Inventário: 321

Fundo: Santana do Livramento Subfundo: Vara de Família Caixa: 773. Inventário: 318

Processos crimes e cíveis:

Fundo: Bagé. Subfundo: 1<sup>a</sup> Vara Cível e Crime. Caixa: 010.0256. Processo: 1536.

201 processos crimes e cíveis. APERS. Fundo: Bagé, Caçapava do Sul e Santana do Livramento. Cartório: 1<sup>a</sup> Vara Cível e Crime.

- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs)

Relatório da Câmara Municipal. Correspondência expedida da Câmara Municipal de Santana do Livramento, 1858. Maço 213. Cx. 114.

## Referencias Bibliográficas

FARINATTI, Luis Augusto E. Um campo de possibilidades: notas sobre as formas de mão de obra na pecuária (Rio Grande do Sul, século XIX). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 7, n. 8, p. 253-276, 2003.

\_\_\_\_\_. Peões de estância e produção familiar na Fronteira sul do Brasil (1845 – 1865). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 359-383, 2008.

\_\_\_\_\_. **Confins Meridionais**: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

FERNANDES, Valéria Dorneles. **O pecuarista familiar na campanha rio-grandense (Santana do Livramento / RS)**. 2009. 179 f., Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Pastores y Labradores de Buenos Aires: una historia agrária de la campaña bonaerense 1700-1830**. Buenos Aires: De La Flor, 1999.

GARCIA, Graciela B. **Os domínios da terra**: conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista. 2005. 191f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GELMAN, Jorge. Producción Campesina y estancias en el Río de la Plata Colonial: la región de Colonia a fines del siglo XVIII. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**: Tercera Serie, Buenos Aires, n. 6, p. 41-65, jul./dic. 1992.

\_\_\_\_\_. Familia y relaciones de producción em la campaña rioplatense colonial. Algunas consideraciones desde la Banda Oriental. In: GARAVAGLIA, Juan Carlos; MORENO, Jose Luis (Org.). **Población, sociedad, familia y migraciones en el espacio rioplatense**: Siglos XVIII y XIX. Buenos Aires: Cántaro, 1993. p. 75-103.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

LEIPNITZ, Ginter. T. **Entre contratos, direitos e conflitos**: arrendamentos e relações de propriedade na transformação da Campanha rio-grandense: Uruguaiana (1847-1910). 2010. 224f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MONSMA, Karl. Escravos e trabalhadores livres nas estâncias do século XIX. In: HAREES, M. M.; REGUERA, A. **Da Região à Nação: Relações de escala para uma história comparada: Brasil – Argentina (séculos XIX e XX)**. São Leopoldo: OIKOS, 2011. p. 81- 114.

OSÓRIO, Helen. **O império português no sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_. Formas de vida e resistência dos lavradores-pastores do Rio Grande do Sul no período colonial. In: MOTTA, M; ZARTH, P. (Org.). **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história**. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2008. p. 43-62.

\_\_\_\_\_. Com a sua marca : trajetórias e experiências de trabalhadores escravos e livres da pecuária no Brasil meridional. In: Alexandre Fortes; Henrique Espada Lima; Regina Celia Lima Xavier; Sílvia Regina Ferraz Petersen. (Org.). **Cruzando fronteiras: novos olhares sobre a história do trabalho**. 1ed.São Paulo: Perseu Abramo, 2013, v. , p. 187-203.